



Os potyguares denunciaram os agentes da Arquidiocese

## Índios paraibanos são incitados a praticar violência

Índios de diversas tribos Potyguares, da Paraíba, estão protestando contra a ação que vem sendo desenvolvida há mais de três anos pelos agentes pastorais da Arquidiocese paraibana, Maria da Salete Horácio da Silva e Antônio Helito de Santana, na reserva indígena. Segundo as denúncias e protestos, esses agentes vêm incitando os índios a praticar violências, deixar de trabalhar e a dificultar o andamento do "Projeto Integrado Potyguara", que visa dotar de infra-estrutura sócio-econômica aquelas tribos com benefícios no setor agrícola, pesqueiro, educacional e de saúde.

Dizem os que repudiam a ação dos agentes pastorais, que estes orientam os índios, principalmente os da aldeia de São Francisco, a boicotar o Projeto da Funai, utilizando até mesmo meios violentos, se preciso for. Esses índios mais influenciados pelos elementos da Pastoral fizeram diversas ameaças de morte aos líderes receptivos ao Projeto Potyguara e paralisaram o trabalho das máquinas agrícolas, realizados nas aldeias do Forte e do Galego nos dias 19, 24 e 31 de março último.

Os índios que não aceitaram a ação dos agentes pastorais disseram que não estão dispostos a praticar a violência e um deles, Antônio Felix de Lima, o "Toinho", da aldeia de Trammattala, revelou que Maria da Salete costumava realizar reuniões naquela localidade, incentivando-os a utilizar faca-peixeira para destruir as plantações e benfeitorias realizadas por arrendatários legais daquela reserva.

Já na aldeia de Camurupim, segundo informações, Maria da Salete teria tentado diversas vezes fazer com que o líder Tertuliano Soares de Lima, o "Lino", convocasse a população local indígena para ouvir suas mensagens. Lino, todavia, não concordou com os posicionamentos de Salete, porque, para ele, seus ensinamentos poriam fim ao clima de tranquilidade reinante naquela localidade.

Também os indígenas da aldeia de Jacaré, sob a liderança de José de Lima, afirmam que os agentes pastorais incentivaram os índios a não trabalhar. Esses índios responderam aos "conselhos" de Maria da Salete com a seguinte proposta: deixariam de trabalhar, se a agente pastoral lhes fornecesse vestuário, utensílios e uma feira semanal. Esse episódio marcou o afastamento definitivo de Maria Salete da aldeia.

A população das aldeias do Forte e do Galego confirma tais ocorrências, segundo os denunciadores, acrescentando que há algum tempo, a Pastoral do Índio da Arquidiocese da Paraíba distribuiu um folheto, no qual afirmava que "quando um índio passa a ser funcionário da Funai, volta-se contra a comunidade indígena".

Entretanto, dizem os grupos que protestam contra as ações da pastoral arquidiocesana que os índios da aldeia de São Francisco, por serem mais frágeis ao "trabalho de conscientização" realizado pelos agentes pastorais, vêm sendo instrumento daqueles "religiosos". Afirmam, porém, que diversos indígenas dessa tribo não aceitam a orientação da Maria da Salete e só permanecem naquela aldeia por não dispor de meios para serem recolocados em outras áreas. Esses dissidentes afirmaram que o grau de agressividade a que chegaram os principais líderes da aldeia é insuportável e que até as mulheres e crianças são orientadas a conduzir cacetetes e facas-peixeiras.

### PROTESTOS

Asseguram os autores do protesto contra a ação dos agentes pastorais que a Funai, em convênio com a Prodecor/PA, atendendo solicitação dos próprios indígenas, efetuou minucioso levantamento das principais carências existentes nas 15 principais aldeias, ouvindo sugestões dos próprios indígenas e elaborou o "Projeto Potyguara", o qual foi implantado no dia 21 de fevereiro deste ano, em solenidade que contou com a presença do governador Tarcísio Burity da Paraíba, representante da Funai e do Ministério da Agricultura.

Certos de que aquele projeto desenvolvido na reserva Potyguara iria dotar a área de infra-estrutura sócio-econômica, com benefícios nos setores agrícola, pesqueiro, educacional e de saúde, muitos índios das diversas aldeias ficaram revoltados com a paralisação dos trabalhos do Projeto. O descontentamento dos índios das aldeias receptivas aos benefícios oferecidos pelos Governos Federal e Estadual, a fundo perdido, chegou ao auge quando, no dia 14 do corrente, os indígenas da aldeia de São Francisco destruíram com faca-peixeira o acampamento dos tratoristas da Cisagro e os ameaçaram de morte, paralisando uma vez mais os trabalhos que beneficiariam os moradores das aldeias do Forte e do Galego.

Tais ações violentas motivaram os indígenas das aldeias onde já se desenvolve o Projeto a se deslocar, em comitiva, no dia seguinte, sob a liderança do cacique Daniel Santana dos Santos, ao Palácio do Governo da Paraíba. O governador Tarcísio Burity recebeu a comitiva indígena, que lhe solicitou garantias para as aldeias onde se desenvolve o projeto, "uma vez que estas aldeias não são adequadas para a luta fratricida entre índios". A comitiva também solicitou a proibição de agentes pastorais naquela reserva, denunciando a "ação nefasta" de tais "pseudo-religiosos".

Sensível às reivindicações dos índios, o governador enviou contingente da Polícia Militar àquela nação indígena, a fim de man-

ter a ordem e evitar distúrbios sociais, proteger a integridade dos funcionários do Estado e as próprias máquinas que ali se encontram para que os serviços sejam executados. Graças a isso, logo depois tiveram continuidade os trabalhos agrícolas nas aldeias do Forte e do Galego.

O arcebispo da Paraíba, D. José Maria Pires pôs em dúvida a autoridade de um abaixo-assinado contendo 114 assinaturas solicitando garantias governamentais e o afastamento dos agentes pastorais. Tais desconfianças por parte da Arquidiocese da Paraíba motivaram os indígenas a nova manifestação pública e a se deslocar no dia 23 de abril de 1981, em caravana composta por 130 índios, sob a liderança do cacique Daniel Santana dos Santos, à Cúria Metropolitana em João Pessoa e promoveram manifestação de repúdio contra a atuação de Maria da Salete junto à comunidade indígena, especificamente os índios da aldeia de São Francisco.

A caravana indígena chegou à Cúria Metropolitana às 11h. Ao perceber a presença dos índios descerrou suas portas, somente vindo a reabri-las às 14h, ocasião em que foram recebidos pelo cônego Fernando Montenegro Abath, o qual alegou que D. Pelé se encontrava de férias.

Os indígenas lançaram veementemente protestos contra a ação pastoral da Arquidiocese na Reserva Indígena pela sua ação de desagregação da comunidade. Até hoje, a Arquidiocese não prestou qualquer assistência de natureza social, de saúde, educação, agrícola ou no setor de pesca. Insiste que o fundamental é a demarcação "o que nós consideramos importante para evitar invasões, mas a terra não sendo cultivada vamos ficar eternamente na miséria".

O cônego Fernando Montenegro Abath, por sua vez, de forma sarcástica como se pretendesse acirrar ainda mais os ânimos dos índios que ali protestavam, assim se expressou: "Vocês são maioria. Por que estão com medo de uma mulher pequena e franzina?"

Tal expressão repercutiu negativamente, fazendo com que os índios ficassem ainda mais revoltados com a atuação do Clero. Na Cúria, estava o advogado Wanderley Caixe, o qual informou ao grupo indígena que um novo cacique, de nome José Augusto, "Zé Cosme", havia sido eleito. Os índios contestaram tal afirmação, uma vez que Zé Cosme é a pessoa de maior ligação com os agentes pastorais. Acrescentaram também que um cacique não pode ser escolhido por agentes pastorais e sim pelos índios, os quais reconhecem a grande liderança do índio Daniel Santana dos Santos. Em seguida, os índios se dirigiram à Assembléia Legislativa a fim de lançar protestos contra a atitude do Clero.